

**A REFORMA DA FACULDADE DE TEOLOGIA
SEGUNDO O
COMPÊNDIO HISTÓRICO DO ESTADO DA UNIVERSIDADE**

O *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra* de 1771 que precedeu e inspirou os *Estatutos Pombalinos* de 1772 foi elaborado por uma comissão nomeada pelo rei D. José, a Junta de Providência Literária, que era presidida pelo Cardeal da Cunha e pelo Marquês de Pombal, tendo por conselheiros o bispo de Beja, D. Manuel do Cenáculo, presidente da Real Mesa Censória, os doutores José Ricalde Pereira de Castro, José Seabra da Silva, Francisco António Marques Gonçalves, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, reitor da Universidade de Coimbra, Manuel Pereira da Silva e João Pereira Ramos de Azeredo.

O objectivo do *Compêndio* foi denunciar as razões da decadência da Universidade nas suas diversas faculdades e fornecer os remédios para ultrapassar a questão que os *Estatutos Pombalinos* de 1772 vieram a sancionar.

O *Compêndio* que consiste num ataque cerrado aos padres jesuítas divide-se em duas partes: na primeira, encontramos quatro prelúdios todos eles visando provar os estragos que a Companhia de Jesus causou na Universidade, aos quais se segue a segunda parte com três capítulos: sobre a teologia, a jurisprudência canónica e civil e a medicina, terminando com um apêndice ao capítulo II sobre o direito canónico e civil.

* Professor Catedrático Aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

No presente trabalho tentamos fornecer uma síntese das críticas levantadas quanto ao ensino da teologia e identificar os autores citados pelos autores do *Compêndio* para o que nos servimos de bibliografia vária e das enciclopédias *Catholicisme*, *Die Religion in Geschichte und Gegenwart* (RGG), *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne et de Liturgie* (DACL), *Dictionnaire de Théologie Catholique* (DTC), *Enciclopedia Cattolica* (EC), o *Nomenclator litterarius* de Hurter e *Lexikon für Théologie und Kirche* (DfTK). Na parte segunda, c. I, como se disse, o *Compêndio* trata dos estragos feitos no estudo da teologia e dos impedimentos existentes para ela poder ressuscitar da ignorância em que foi sepultada⁽¹⁾. O primeiro estrago ou impedimento refere-se ao que desde o fim do séc. XI por diante fez à mesma ciência o estudo da filosofia arábico-aristotélica. Cita em abono da sua tese Launoy, Bullaeus (César-Egasse du Boulay), Noël Alexandre e Martin Gerbert, este último adoptado na Faculdade de Teologia durante bastante tempo⁽²⁾.

(1) Seguimos a reedição do *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra* (1771), Coimbra, Por ordem da Universidade, 1972, a qual foi feita por ocasião do II centenário da Reforma Pombalina de 1772. O título completo é *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuítas e dos estragos feitos nas sciendas e nos professores, e directores que a regiam pelas maquinações e publicações dos novos estatutos por eles publicados. A anteceder a introdução encontramos estas palavras: Da Junta de Providencia Literária em 28 de Agosto de 1771 dia do grande doutor Santo Agostinho sobre o Compendio Histórico e appendix, que dão uma clara e especifica ideia dos estragos que os denominados fizeram; primeiro na Universidade de Coimbra; e consequentemente nas aulas de todos estes reinos: para que pelo conhecimento de tão grandes e tão inveterados males se possa indicar mais sensivelmente os remédios que hão-de constituir os objectos das paternais providencias de Sua Majestade pelo que pertence à teologia, à jurisprudência canônica e civil e à medicina*. Em 1872, na celebração da Reforma Pombalina da Universidade, escreveu Manuel Eduardo da Motta Veiga a *Memoria historica da Faculdade de Teologia* em que tenta justificar o que os Estatutos de 1772 haviam estabelecido.

(2) Jean de Launoy (Bullaeus) (Valdécie, Coutances, 21.12.1603-Paris, 10.3.1678), teólogo católico, foi um dos maiores expoentes cultos do seu tempo. O seu domínio principal foi a história da Igreja. Publicou mais de 80 tratados. Como galicano que era submeteu os livros de Caetano, Belarmino e Barónio a uma análise crítica profunda. De enorme significado são os seus escritos sobre as origens do cristianismo em França, nos quais se afastou das muitas lendas existentes. Rejeitou a infalibilidade pontifícia, a Imaculada Conceição e a Assunção de Maria. Os seus *Opera* em cinco volumes foram editados em Genebra

Lê-se textualmente no *Compêndio Histórico*: "A malícia com que os *Estudos da Universidade* suscitaram e fizeram aparecer outra vez nela a teologia escolástico-peripatética depois de haver sido nela esquecida, renovou nas Escolas de Coimbra os mesmos defeitos e vícios que tinham infectado o estudo teológico nos precedentes séculos. Extinguiu as luzes da boa e sã teologia que se ensinava na mesma Universidade. E ficou servido de um grande impedimento para o bem e progresso desta sagrada ciência".

É certo que os papas, os bispos, e muitos intelectuais procuraram evitar tal posição. Mas não conseguiram coibir o ímpeto da maior parte dos escolásticos que esqueceram a Sagrada Escritura, a tradição, os concílios, os Santos Padres, a História Eclesiástica e tudo quanto podia servir para ilustrar e ornar a teologia.

nos anos de 1731-1733. - Du Boulay (natural de Saint-Ellier (Mayenne, 16.10.1678) foi um grande historiador francês. Ocupou importantes cargos na Colégio de Navarra e na Universidade de Paris, em especial como reitor; e historiador da Universidade com a obra *Historia Universitatis Parisiensis* que abrange o período que vai da suposta fundação por Carlos Magno (800) até 1600. Os primeiros três volumes saídos em 1665 foram censurados pela universidade. Para se justificar o autor escreveu *Notae ad censuram...*(Paris, 1667). Os últimos três volumes foram editados em 1673. Outras obras suas: *De patronis quatuor nationum universitatis* (1662), *Carlomagolia...*(1662), *De decanatu nationis gallicanae..*.(1662), *Remarques sur la dignité, rang...du recteur* (1668), *Remarques sur l'élection des officiers de l'Université* (1668), *Recueil des privilèges de l'Université...* (1674), *Fondation de l'Université par l'empereur Charlemagne..*.(1675). - Noël Alexandre (19.1.1639-Paris, 21.8.1724), dominicano, notável teólogo e historiador da Igreja, destacou-se como professor e provincial da sua ordem. Tratou das questões mais prementes do seu tempo: defendeu a *Declaratio cleri gallicani* (1682), atacou o laxismo, o probabilismo, o molinismo e a acomodação dos ritos, etc. Considerou a bula *Unigenitus* como obra do poder jesuítico contra os dominicanos e apelou a um concílio geral. Escreveu sobre história da Igreja *Selecta historiae ecclesiasticae capita* em 23 vols. (Paris, 1676-1686) e ainda sobre outras áreas (dogmática e moral, polémica e controvérsia, homiliética, etc., algumas delas colocadas no índice). - Martin Gerbert (Horb am Neckar, 12.8.1720-St. Blasien, 13.5.1793), beneditino, notabilizou-se como reformador dos estudos teológicos e editou várias obras sobre a história da liturgia e da música. O projecto de uma *Germania Sacra* fez de St. Blasien o ponto central dos estudos de história da Igreja na Alemanha. Opôs-se à tentativa de secularização do josefinismo. Após um grande incêndio que destruiu o mosteiro de St. Blasien, Gerbert procedeu à sua reconstrução. Entre a sua vasta obra conta-se *Principia theologiae* em 8 vols. (Augsburgo-Freiburgo-St. Blasien, 1757-1759).

No séc. XVI começou-se a reformar o estudo da teologia devido às heresias que então surgiram. Cita em abono da sua tese Ignace-Hyacinthe Amat de Graveson O. P. e Du Pin⁽³⁾.

A Universidade de Coimbra não cedeu a nenhuma das outras no zelo desta reforma. Refere os nomes de Martinho de Ledesma, António da Fonseca, João Pinheiro, Luís de Sotomaior, António Ferreira, Jeronimo de Azambuja, Gaspar dos Reis, Francisco Foreiro, Baltasar Limpo, Diogo de Gouveia, Diogo de Paiva de Andrade, Francisco de Monzón, Afonso do Prado, Francisco de Cristo, Gaspar do Casal, "e outros muitos, os quais todos foram teólogos doutíssimos, e deixaram monumentos admiráveis da sua eximia piedade e sabedoria"⁽⁴⁾. Os seus maquinadores, lê-se no *Compêndio*, omitiram dolosamente aqueles autores⁽⁵⁾. Mas nem uma palavra sobre os exegetas jesuítas da Universidade de Évora.

⁽³⁾ O primeiro nasceu em Graveson (Avinhão) em 13.7.1670 e faleceu em Arles a 26.7.1733. Foi professor de teologia em Arles, Grenoble, Lião e Paris; doutorou-se pela Sorbonne em 1706 e neste mesmo ano pelo Colégio Casanatense de Roma. Foi o educador do futuro cardeal Franz de Borghese, conselheiro do papa Bento XIII. Revelou-se um grande tomista, um escritor teólogo de renome e opositor da doutrina molinista da graça e da predestinação. Entre as suas obras contam-se: *Tractatus de vita, mysteriis et annis Jesu Christi*, 2 vols., Roma, 1711, etc. - Louis-Ellies Du Pin (Paris, 17.6.1657-Paris, 6.6.1719), teólogo jansenista, doutorou-se pela Sorbonne em 1684 e foi professor de filosofia no Colégio Real. A sua obra principal é a *Nouvelle bibliothèque des auteurs ecclésiastiques* em 6 vols. (Paris, 1684-1691). J.-B. Bossuet e outros teceram-lhe grandes críticas por causa de muitos erros teológicos e foi condenada pelo arcebispo de Paris. Du Pin continuou a obra com *Histoire des controverses et des matières ecclésiastiques* em 9 vols. (Paris, 1694-1698); e ainda com *L'histoire de l'Église et des auteurs ecclésiastiques du XVIe siècle* em 5 vols. (Paris, 1701-1703); para os sécs. XVII-XVIII utilizou o antigo título *Nouvelle bibliothèque ecclésiastique* em 9 vols. (Paris, 1708-1711); como aditamento escreveu *L'histoire ecclésiastique du XVIIe. siècle* (Paris, 1714). A obra foi continuada por C.-P. Goujet (Paris, 1736-1737). Em 1757 foi posta no índice, bem como o *Traité de la puissance ecclésiastique et temporelle* (Paris, 1707) em que Du Pin defendia os artigos galicanos. Vide DTC XII, 2111-2113.

⁽⁴⁾ Sobre estes teólogos, vide os diversos estudos por nós elaborados, em particular a nossa dissertação doutoral, *A cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra. Primeiro século (1537-1640)*, Coimbra, 1974.

⁽⁵⁾ Alusão a Escoto, "o qual ainda que não vinha expressamente declarado nos estudos, é certo que foi tacitamente aprovado para ser lido na cadeira de Noa, Durando e Gabriel Biel".

Em nota alude o *Compêndio* à criação da cadeira de Controvérsias por D. Afonso VI por provisão de 28 de Janeiro de 1664 que foi confiada ao trinitário fr. Isidoro da Luz; extinta por morte deste, D. João V voltou a instituí-la por provisão de 12 de Janeiro de 1714 nomeando para a reger o agostinho fr. Nicolau Valésio; mas veio a ser extinta após o falecimento desse professor sendo restaurada por D. José que incumbiu da sua regência o carmelita fr. Pedro Tomás Sanches⁽⁶⁾. E prossegue: "Esta nova criação e mudanças mostram bem não só a pouca aplicação que se dava ao estudo da teologia polémica, mas também a aversão que se tinha do mesmo estudo: pois empenhando-se os senhores reis em promovê-lo, sempre se procuraram iludir tão justas e necessárias providências: sendo certo que grande parte do progresso que tem tido a teologia no reinado de el-rei nosso senhor, se deve ao restabelecimento da cadeira de controvérsia e à necessidade de fazer actos nestas matérias imposta pelo mesmo senhor".

Primo porque a teologia não é outra coisa senão a ciência das Escrituras, exposta segundo os sentimentos da Igreja e dos Santos Padres e reduzida a certa ordem e método como defende Launoy no seu *De varia Aristotelis fortuna* (c. 12), Gerbert em *De theologia scholastica* (c. 15 e 22) e Mabillon (*Tractatus de studiis monasticis*, art. 15)⁽⁷⁾, pelo que acrescenta "que nenhum teólogo pode merecer este nome, se não for nelas versado e não souber o que ensina a Escritura em cada ponto de dogma ou de moral".

Em segundo lugar, porque sendo a Escritura útil, como nos ensina S. Paulo, para ensinar, para corrigir, para repreender, para instruir os homens nos deveres da justiça e conduzi-los pelos caminhos da salvação (1 Tim. c. 3 e 16), e sendo o teólogo destinado pelo seu estado e profissão a todos estes ofícios, é claro que não poderá enchê-los como deve,

⁽⁶⁾ Vide *Memoria professorum Universitatis Conimbrigensis*, vol. I (1290-1772), Coimbra, Arquivo da Universidade, 2003.

⁽⁷⁾ Destes autores já se falou anteriormente. - Jean Mabillon OSB (St-Pierremont, 23.11.1632-27.12). A ele se ficou a dever a significativa colaboração na edição das obras de Bernardo de Clairvaux e das Actas beneditinas. Escreveu *De re diplomática* em seis livros, que fizeram dele o fundador da diplomática científica e da paleografia. No *Traité des études monastiques* manifesta-se contra o rigorismo de Le Bouthilier. Mabillon ficou na história como o modelo e o príncipe dos Maurinos. Vide LfTK VI, 1254-1255 e DACL X, 427-474.

se não possuir a ciência das Escrituras. Esta é a causa porque a Igreja não cessou em tempo algum de inculcar aos seus ministros o estudo da Escritura⁽⁸⁾.

Refere-se à encíclica do actual papa Clemente XIV na qual inculca o ensino da doutrina e da palavra de Deus: "Só destas duas fontes da sabedoria divina é que devemos tirar as regras da fé e dos costumes. Nelas é que aprendemos a profundidade dos mistérios, os ofícios da piedade, da probidade, da justiça e da humanidade e o que devemos a Deus, à Igreja, à Pátria, aos cidadãos e aos mais homens"⁽⁹⁾.

O *Compêndio* fala a seguir da importância dos Padres cuja ciência consistia toda na ciência das Escrituras citando a propósito Mabillon (*Tractatus de studiis monasticis*, c. 2,5.4 in fine).

Crítica de novo os estatutos por terem omitido a valorização da Sagrada Escritura como haviam ensinado Santo Agostinho (*De doctrina Christiana*, 1. 2, c. 9); Orígenes (*Homilia 27 in Numeros*), c. 12, etc., S. Jerónimo (*Epistola ad S. Paulinum*, 103); Basílio, Gregório, o Nazianzeno, Crisóstomo, Teodoreto e outros.

Tal incúria dos estatutos revela-se no facto de terem deixado no esquecimento o estudo das questões mais precisas e importantes, quer sobre o corpo da Bíblia quer em particular sobre cada um dos seus livros. Isto torna-se imprescindível para conhecer não só a autenticidade e divindade dos livros sagrados, distinguindo os verdadeiros dos apócrifos e falsos, mas também como o Espírito Santo dirigiu os seus autores, quais são os seus diferentes sentidos, quais as línguas originais em que

⁽⁸⁾ Alude ao concílio de Toledo 4, c. 24, que teve lugar em 633.

⁽⁹⁾ Refere-se à encíclica *Cum Summi Apostolatus* do papa Clemente XIV cujo objectivo era lutar contra aqueles que pretendiam destruir a religião e a Igreja. Além daquela encíclica, Clemente XIV escreveu mais as seguintes: *Decet quam maxime* (21.9.1769), *inescrutabili divinae* (12.12.1769), *Cum summi apostolatus* (12.12.1769), *Magna atque* (16.3.1771), *Dominus ac Redemptor* (21.7.1773) que suprimiu a Companhia de Jesus e *Salutis nostrae* (30.4.1774). - Clemente XIV (San^{te} Arcangelo da Romagna, Forlì, hoje Rimini - 22.9.1774), antes Giovanni Vincenzo Ganganelli, foi eleito papa a 4.6.1769 para suceder a Clemente XIII (1758-1769). Perante a questão dos jesuítas que o seu antecessor não resolveu, julgou conveniente para os interesses da Igreja dar o seu consentimento ao pedido feito por alguns estados católicos para dissolver a Companhia, satisfazendo a Espanha, Portugal e a França. O primeiro estado a expulsar a Companhia foi Portugal em 1759 por ordem do Marquês de Pombal. Sucedeu-lhe Pio VI (1775-1799).

foram escritos, quais as suas versões, e muitas outras "prenoções" que precisamente se devem saber antes de tudo o mais.

Também deixaram no silêncio as regras com que deviam fazer ver a necessidade que havia para o perfeito conhecimento das Escrituras, da Filologia, da Crítica e da Hermenêutica sagrada, porque sem estes subsídios nenhum teólogo o pode ser sem se expor ao perigo de errar na interpretação das Escrituras, como justamente se nota nos escolásticos⁽¹⁰⁾. Dá grande relevo ao estudo do hebraico e do grego.

E explica o *Compêndio histórico*: os antigos estatutos, tit. XI do 1. III, ordenaram que o lente de Escritura seguisse o modo de ler as regras prescritas para as lições das cadeiras grandes das outras faculdades, o que revela um perfeito contra-senso, pois trata-se de realidades inteiramente distintas servindo-se de Lamy e de Genovesi⁽¹¹⁾. Depois porque se ordenava que os estudantes fizessem um acto sobre a Escritura chamado

⁽¹⁰⁾ Em nota diz que todos os teólogos e outros reconhecem a necessidade destes estudos e refere Melchor Cano no seu *De locis theologicis*, 1. 2; Annat, *Apparatus ad theologiam positivam*, 1. 2; Du Pin, *Méthode pour étudier la théologie*; e Lamy, *Apparatus Bibliae*, etc. - Pierre Annat (1638-1715) dedicou-se em especial à teologia positiva, tendo publicado em 2 vols. *Apparatus a d positivam theologiam methodicus: In quo jam reviso multumque ditato, clara, brevis, & expedita delineatur idea positivæ & scholasticæ theologiæ*, Paris, 1700-1705, livro colocado no índice pelo decreto de 12.9.1714 com a cláusula *donec corrigatur*. Divide-se em sete livros: natureza da teologia positiva e da teologia escolástica, Sagrada Escritura, tradição, principais Padres da Igreja, concílios, constituições pontifícias e decisões da Igreja e heresias. Em apêndice incluiu um estudo sobre o colégio cardinalício.

⁽¹¹⁾ O primeiro em *Apparatus Bibliae*, 1. 3, c. 15; e o segundo em *Elementa artis logico-criticae*, 1.4, c. 5. - Bernard Lamy (Le Mans, Junho de 1640-Rouen, 29.1.1715), oratoriano, leccionou em várias instituições. Defendeu o cartesianismo pelo que foi afastado do ensino. Entre as suas obras contam-se: *Entretiens sur les sciences*, Paris, 1683; *Apparatus ad Bibliam sacram...*, Grenoble, 1687; *Démonstration de la vérité et de la sainteté de morale chrétienne*, Paris, 1688; *Harmonia sive concordia quatuor evangelistarum*, Paris, 1689. Vide DTC VIII, 2552-2555; EC VII, 874. - Antonio Genovesi (Castiglione, 1713-Nápoles, 23.9.1769), Em Nápoles, onde leccionou metafísica e teologia, contactou com Giambattista Vico. Acompanhou a evolução das ideias então divulgadas pela Europa, deu especial atenção ao estudo da economia e foi grande admirador de Locke. Entre as suas obras contam-se: *Elementi di metafisica*, em quatro partes, Nápoles, 1743-1752; *Elementa artis logico-criticae libri V*, *ibidem*, 1745; *Discorso sul vero fine delle letter e e delle scienzel*, *ibidem*, 1753; *Meditazioni philosophiche*, *ibidem*, 1758; *Lettere philosophiche*, *ibidem*, 1759; *Letter e accademiche*, *ibidem*, 1764; *Lezioni di commercio*, *ibidem*, 1766-1767.

princípio da Bíblia (1. 3, tit. 29) que constatava de nove conclusões e de matérias graves. A escolha era dos estudantes e no curso teológico não havia mais provas do estudo da Escritura.

Dando apenas atenção ao estudo da teologia escolástico-peripatética, desprezou-se o ensino da Escritura. Os lentes não se preocupavam em compor postilas, "que ilustrassem e fizessem ver as sublimes verdades da religião, que difundissem as luzes da sabedoria divina depositada nestes livros sagrados, que imprimissem nos corações dos leitores e ouvintes os sentimentos de piedade que os mesmos livros inspiram"⁽¹²⁾. Ocuparam-se apenas em indagar questões esquisitas, infrutuosas e inúteis, apartando-se frequentemente do sentido literal e fugindo para o alegórico. Com isso pretendiam mostrar ostentação do engenho e não para tirarem alguma consideração que fosse útil para a edificação dos fiéis. Procuravam nas palavras mistérios e sentidos recônditos que não havia, por ignorarem as línguas e lhes faltarem os subsídios mais necessários. De notar que não fala do "pai da crítica bíblica", Richard Simon, nem de outros teólogos que se evidenciaram no campo da teologia e das ciências escriturísticas.

O terceiro estrago e impedimento trata do abandono da tradição pelos antigos estatutos. Arruinaram também por este sólido fundamento a teologia e lhe impediram os progressos que haveria feito.

E define o que é a tradição: "[...] não é menos do que a Escritura Santa, a Palavra de Deus, e por isso constitui outra regra imutável e certa, da qual a Igreja se valeu sempre em todos os tempos, para provar muitas verdades da religião que, não se achando declaradas na Escritura, nem podendo desta por consequência, foram sempre nela ensinadas, para discernir as verdadeiras Escrituras das falsas; para declarar quais devem ser postas no catálogo das divinas; para fixar o seu genuíno sentido contra a temeridade dos inovadores; para conhecer a antiguidade e universalidade da doutrina que ensina; e para se opor aos erros e falsas máximas que espalham contra elas os que se apartaram da Igreja e os

⁽¹²⁾Em nota fala das postilas de 1600 em diante que eram muito diferentes das que se compuseram antes. Foram mal escritas e não merecedoras de se darem ao prelo. E exemplifica: se Adão foi hermafrodita ou não; se teve figura de gigante; se o barro de que foi formado era branco ou vermelho, etc.

corruptores da moral evangélica⁽¹³⁾; havendo-se reconhecido sempre ser de tanta força a prova tirada da tradição que os Padres se dispensavam de mais discussões, quando a podiam alegar a favor da doutrina que defendiam ou explicavam⁽¹⁴⁾.

E prosseguem os autores do *Compêndio Histórico* dizendo que a tradição é uma fecundíssima fonte da doutrina sagrada e um princípio infalível e firme para o fundamento e prova das conclusões teológicas, pelo que os estatutos deviam inculcar aos teólogos a precisão dela⁽¹⁵⁾.

Não podiam os estatutos ignorar a necessidade da tradição, pois os Padres de Trento serviram-se dela frequentemente; os protestantes ensinaram erros que os católicos combatiam, distinguindo-se entre eles o erudito e profundo teólogo português Diogo de Paiva de Andrade⁽¹⁶⁾. Sublinha o cuidado que todos punham em revolver os monumentos eclesiásticos para mostrarem sobre cada ponto de doutrina o fio, a séria

(13)Tertuliano, *De praescriptione*; Ireneu, *Adversus haeses*; Vincentius Lerinensis, *Commonitorium adversus haereses*; Du Pin, *De doctrina Christiana*, 1.1, c. 8; Petrus Coustant, *Romanorum Pontificum Epistolae*, col. 660, 687, 692, etc. - Vincentius de Lérins faleceu ca. de 450. Impôs-se no campo da cristologia, da graça e da interpretação da Sagrada Escritura. As suas obras mais notáveis são *Obiectiones* e *Commonitorium*. Vide DTC XV/2, 3045-3055. - Pierre Coustant (Compiègne, 30.4.1654-S. Germain-des-Près, Paris,18.10.1721), ilustre beneditino, foi encarregado de proceder à edição das obras de Santo Agostinho e das cartas dos papas desde S. Clemente I até Inocencio III (ca. 88-1216). - *Epistolae Romanorum pontificum et quae ad eos scriptae sunt: a S. Clemente I. usque ad Innocentium III*, Paris, 1721.

(14) Vide Crisóstomo, *Homilia 4 in 2 ad Thessalonicenses*.

(15)Vide Melchor Cano, *De locis theologicis*, 1.3; Gerbert, *Principia theologiae exegeticae*, c. 7; Gregorius Zallwein, *Principia juris ecclesiastici*, q. 2, c. 3. -Zallwein (Oberviechtach, Oberpfalz, 20 October 1712-Salzburg, 6 or 9. 8.1766), canonista, beneditino, foi professor de direito canónico do seminário de Strasburg, Carinthia, e depois da universidade beneditina de Salzburg, da qual foi "Rector magnificus!". Ao contrário de outros canonistas do seu tempo Zallwein deu grande importância às fontes e à evolução histórica do direito canónico. A sua obra principal são os *Principia juris ecclesiastici universalis et particularis Germaniae* em 4 vols., Augsburg, 1763. Outras obras suas: *Disputatio prima de jure canónico*, Salzburg, 1753; *Fontes originarii juris canonici, adjuncta historia ulare Germaniae*, Salzburg, 1757; e *Dissertatio de statu ecclesiae, de hierarchia*, Salzburg, 1757.

(16)Vide *Defensio tridentinae fidei adversus haeticorum detestabiles calumnias*, e Martin Chemnitz, *De Sacrae Scripturae traditionum auctoritate*, 1.2.

e a ordem da tradição. Paiva de Andrade, teólogo português do séc. XVI, manteve uma dura polémica com o protestante Martin Chemnitz⁽¹⁷⁾.

Mandavam provar os assertos com razões e autoridades dos doutores⁽¹⁸⁾. Ou seja, não quiseram introduzir nas Escolas outra teologia que não fosse a dos escolásticos, exceptuando Pedro Lombardo, S. Tomás e S. Boaventura⁽¹⁹⁾. Ignoravam esta fonte (a tradição) da verdadeira doutrina. Como escreve Cano: "Quem é deles que argumenta com as tradições de Cristo e dos apóstolos?"⁽²⁰⁾.

Com esse silêncio desarmaram a Igreja dos seus mais invencíveis escudos para combater com os seus inimigos e sustentar as verdades da religião, como claramente nos acaba de ensinar o Santíssimo Padre Clemente XIV na sua referida encíclica. Portugal ficou depois dessa malvada legislação destituído das luzes que se derivam desta copiosíssima fonte, ficando errante e vazio do zelo das verdades não escritas para se deixar levar de todos os ventos da opinião e da

⁽¹⁷⁾Diogo Paiva de Andrade (Coimbra, 26.7.1528-Lisboa, 1.12.1575 ou 1578), professor da universidade de Coimbra e teólogo do concílio de Trento, escreveu vários livros como *Orthodoxarum explicationum libri X*, Veneza, 1564; e *Defensio tridentinae fidei catholica*, Lisboa, 1578. - Martin Chemnitz (Treunbrietzen, 9.11.1522-Braunschweig, 8.4.1586), ilustre teólogo protestante, escreveu entre outros *Examen concilii tridentini* em 4 vols., 1566.

⁽¹⁸⁾L.3, tit.28,5-1 e 1.3, tit.II, etc. Ou seja, não quiseram introduzir nas Escolas outra teologia que não fosse a dos escolásticos

⁽¹⁹⁾Pedro Lombardo (ca. 1100-1160) nasceu em Novara (Lombardia), estudou na Itália e veio a estabelecer-se em Paris. A sua obra principal são os *Sententiarum libri quatuor* (1155-1158) em que trata da Trindade, da criação e do pecado, da Incarnação e das virtude e dos sacramentos e dos novísimos. O 4.º concílio de Latrão (1215) declarou a sua ortodoxia e assim viria a converter-se no texto básico da teologia católica durante a Idade Média. Só foi superado pela *Summa theologiae* de Tomás de Aquino, embora os seus comentários continuassem a ser seguidos até ao séc. XVII.

⁽²⁰⁾Melchor Cano (Tarancón, 6.1.1509-Toledo, 30.9.1560), dominicano, foi discípulo de Vitória em Salamanca. Leccionou em várias escolas, participou no concílio de Trento e exerceu diversos cargos. Cano abordou temas de carácter político e eclesiástico e defendeu Bartolomeu Carranza no seu processo inquisitorial. A sua principal obra é o *De locis theologicis* (Salamanca, 1543, e reimpresso mais de 30 vezes) que se tornou o primeiro tratado de teologia sistemática e alcançou enorme projecção por toda a parte. Recentemente a BAC reeditou aquela obra. Vide estudos de V. Beltrán de Heredia, A. Lang, E. Marcotte, etc.; e DTC II, 1537-1540; *Catholicisme* II, p. 465 ss.

doutrina, e ficando exposto a receber (como tem recebido) por certas todas as interpretações arbitrárias dos textos da Escritura, todas as opiniões e doutrinas antigamente desconhecidas na Igreja; e enfim para a deixar sujeita a todas as corruptelas da moral evangélica e a todas as credulidades da falsa religião e enganosa piedade.

O quarto estrago e impedimento refere-se ao malicioso silêncio guardado pelos malvados estatutos sobre o estudo dos concílios que é fundamentalmente útil e necessário a todo o teólogo⁽²¹⁾.

Os argumentos aduzidos são os seguintes: não há monumentos mais sagrados depois das Escrituras do que os concílios unânimes recebidos pela Igreja⁽²²⁾; os padres neles congregados são dirigidos pelo Espírito Santo que não permite que a Igreja erre nas definições da fé e da moral; as definições conciliares foram e são reputadas pela segunda palavra de Deus; aos quatro primeiros concílios rendia-se a mesma veneração dedicada aos evangelhos; solenizavam-se festas em memória da sua celebração⁽²³⁾.

O segundo argumento baseia-se no facto de o teólogo precisar de saber o unânime consentimento da Igreja no ensino e pregação da doutrina derivada de Jesus Cristo e dos apóstolos e continuada até nós para conhecer a tradição universal da Igreja⁽²⁴⁾.

⁽²¹⁾Vide Cano, *De locis theologicis*, 1. 5; e *Traité de Vétude des conciles*, p. 1, c. 1, a, etc. Trata-se da obra *Traité de l'étude des conciles, et de leurs collections : divisé en trois parties ; avec un catalogue des principaux auteurs qui en ont traité, & des éclaircissements sur les ouvrages qui concernent cette matière, & sur le choix de leurs éditions* de François Salmon,. Nova ed. revista e corrigida exactamente de acordo com a ed. de Paris, Leipzig, 1726.

⁽²²⁾Vide *Traité de l'étude des conciles*, *oh. cit.*, p. 1, c. 1; Gerbert, *Apparatus ad theologiam*, c. 4.

⁽²³⁾Vide Celestinus, Epistola 18; Vincentius Lerinensis, *Commonitorium* 1; Mat. 18, 20. - Celestino III, papa entre 3.4.1191 e 8.1.1198, antes chamado Jacinto Bobo, empenhou-se bastante na Reconquista ibérica. Escreveu *Epistolae et privilegia ordine chronologico digesta*, por Thomae Cisterciensis Monachi e Joannis Algerin, in J.-P. Migne, Paris, 1885, e reimpressa em Turnhout pela Brepols em 1994.

⁽²⁴⁾ Vide Denina, *De studio theologiae*, 1. 1, c. 3, & 2. - Carlo Denina (Revelles, Saluzzo, 27.2.1731- 5.12.1813), historiador e polígrafo italiano e mestre-escola, apresentado a Napoleão em 1804 que o nomeou bibliotecário em Paris, escreveu entre outros *De studio theologiae et norma fidei libri 2*, Turim, 1758.

Em terceiro lugar porque nos concílios se aprovam regulamentos sobre a fé, a moral e a disciplina, os quais se referem ao estudo teológico⁽²⁵⁾. Nos concílios encontra-se por um lado a fé em termos precisos e claros e conclusões rectamente deduzidas dos seus primeiros princípios. Nas decisões conciliares contêm-se as regras mais santas relativas aos costumes⁽²⁶⁾.

E acrescenta o *Compêndio*: "Esta foi a razão com que por uma parte muitos teólogos, reconhecendo esta necessidade, se aplicaram com admirável sucesso ao estudo da disciplina, e com que pela outra parte os escolásticos por não terem dela as luzes necessárias, caíram em muitos absurdos e introduziram muitas opiniões novas sobre as matérias e formas dos sacramentos, o jejum, sobre o poder dos concílios, dos pontífices e bispos, as censuras, o foro da Igreja e outras muitas matérias, com as quais deram ocasião a se mudar a face da mesma Igreja e a muitas desordens subsequentemente sucedidas"⁽²⁷⁾.

⁽²⁵⁾ Vide Gerbert, t. 1, *Prolegomena theologiae Christianae*, & 36; *Idem*, *Principia theologiae exegeticae*, & 121; *Traité de l'étude des conciles*, p. 1, c. 2, art. 1. - Antoine Godeau (Dreux, Chartres 1605-Vence, 21.4.1672), bispo de Vence, poeta e exegeta, deixou várias obras literárias, teológicas e bíblicas. A sua *Histoire de l'Église* em 3 vols, em 5 tomos foi publicada em 1663,

⁽²⁶⁾ Christianus Lupus, *Praefatio ad Concilia Morin de Paenitentia*, 1.5, c. 26, n. 14; Genet, t. 1, tr. 1, c. 9,5; Mabillon, *Tractatus de studiis monasticis*, c. 7. - Christian Lupus (Ypern, 12.6.1612-Lovaina, 10.7.1681), agostinho, leccionou em várias universidades e, em Roma, elaborou a condenação de 65 proposições laxistas tiradas de escritos de alguns jesuítas. Defendeu o primado pontifício. Escreveu entre outros: *Synodorum generalium ac provincialium decreta et canones*, 5 vols., Lovaina, 1665; Bruxelas, 1673; *Divinum S. Petri circa omnium [...] ad romanam cathedram appellationem privilegium*, Mogúncia, 1681. Os seus escritos foram editados em 12 vols., Veneza, 1724-1729

⁽²⁷⁾ Vide card. Noris. Vind. August., c. 3,5; Thomassin, *De veteri et nova Ecclesiae disciplina, ubi passim de hac re conqueritur vir doctissimus*. - Enrico Noris (Verona, 29.8.1631-Roma, 22 ou 27.2.1704), agostinho, célebre historiador dos dogmas, foi professor de historia eclesiástica em Pisa, bibliotecário da Vaticana e cardeal. A sua obra *Historia pelagiana* tornou-se a base do augustinianismo renovado. Em escritos polémicos, como em *Somnia quinquaginta Francisci Maecedo* (Leiden, 1681), defendeu a doutrina da graça contra o baianismo e o jansenismo. O papa Bento XIV aprovou a tese de Noris. Os seus *Opera omnia* I-IV foram editados várias vezes. Vide Pastor XIV/2-XVI/1; EC VIII, 1935 s.; DTC XI, 796-802. - Louis de Thomassin d'Eynac (Aix-en-Provence, 28.8.1619-Paris, 24.12.1695), oratoriano, seguiu a filosofia platónica e a teologia bíblico-patristica. Opôs-se ao galicanismo

O quinto estrago trata do estudo dos Santos Padres. Como afirma o *Compêndio*: "Os Santos Padres são os mestres que Deus nos deu para nossos directores e guias; são os seguros intérpretes da sua divina palavra; são as fiéis testemunhas da tradição da Igreja; são as luminosas tochas que espalham por toda a parte a luz da verdade, Eles não creram, diz Santo Agostinho⁽²⁸⁾, senão o que se cria no seu tempo; não ensinaram senão o que aprenderam; e não transmitiram aos seus sucessores senão o que receberam dos outros antecedentes Padres. De sorte que se indagarmos a origem da sua doutrina veremos que as águas limpas que correm até nós pelos canais dos seus escritos saíram das limpíssimas e puríssimas fontes da Escritura e da tradição dos apóstolos".

As suas decisões devem ser tidas por indubitáveis e certas quando todos eles ou a maior parte concordam em algum ponto de dogma e de moral, quando expõem estes pontos dum modo tão análogo, quando o têm pregado muitas vezes e publicamente ensinado. "Eles são então a boca e órgão da Igreja que é infalível; e o seu unânime consenso forma uma regra da qual ninguém se deve apartar"⁽²⁹⁾.

Os concílios gerais, os particulares, os pontífices, os bispos e tudo quanto de sábio na Igreja todos procuraram fundar os seus juízos e declarações sobre a doutrina dos Padres, "bem persuadidos todos de que se não seguissem as suas luzes, se se violassem as suas máximas, romper-se-ia o vínculo que tem unido e deve unir os fiéis de todos os séculos; destruir-se-ia pelo seu fundamento a infalibilidade da Igreja; tirar-se-iam as suas armas e forças contra os apartados dela e contra os corruptores da moral; arruinar-se-iam os costumes do cristianismo; e sentir-se-ia abalar e cair a coluna da verdade".

A história da Igreja mostra bem como o recurso aos Santos Padres foi uma constante⁽³⁰⁾, ao contrário do que fizeram os estatutos da Universidade.

e ao jansenismo. É considerado o teólogo oratoriano mais notável do séc. XVII. Recebeu grande influência da cristologia de P. de Bérulle e valorizou bastante a liturgia e a pastoral.

⁽²⁸⁾ *Liber contra Julianum*, cap. I; Hieronimus, *Contra Luciferum*, cap. 2.

⁽²⁹⁾ Vincendus Lerinensis, *Commonitorium*, cap. 9; Hieronimus, *Dialogus adversus Luciferum*, cap. 4; Augustinus, *Liber I in Julianum*.

⁽³⁰⁾ Bonaventure (ou Noël) Argonne (7.6.1640-28.1.1704), famoso literato francês e historiador eclesiástico, escreveu *De optima legendorum Patrum Ecclesiae*

O sexto estrago aborda a questão da história, especialmente a sagrada e a eclesiástica. Melchor Cano encareceu a importância do seu estudo: "Ela fornece dos seus tesouros tão abundantes socorros que se formos deles destituídos nos acharemos muitas vezes pobres e ignorantes não só na teologia mas em qualquer outra ciência⁽³¹⁾. Da história sagrada se serviram imenso S. Justino, S. Clemente de Alexandria, Atenágoras, Arnóbio, Orígenes, Lactâncio, Santo Agostinho e muitos outros Padres, "para defenderem a verdade da religião, confundirem os erros do paganismo, destruírem a idolatria e entenderem as Escrituras".

A história sagrada e eclesiástica é a mais importante para o teólogo⁽³²⁾. A primeira apoia-se na autoridade infalível do Espírito Santo. Foi principalmente a eclesiástica que foi abandonada pelos teólogos⁽³³⁾. A tradição da Igreja ocupa aqui lugar de relevo⁽³⁴⁾. E acrescenta que o modo de adquirir esta ciência não é estudar questões abstractas e áridas, fundadas sobre discursos frívolos e princípios de uma errónea e má filosofia, como fizeram pela maior parte os escolásticos; mas sim ler a mesma

methodo; Mélanges d'histoire et de littérature; De la lecture des pères de l'église ou méthode pour les lire utilement, Apparatus ad theologiam; Mabillon, Tractatus de studiis monasticis, cap. 3.

⁽³¹⁾ "Dici profecto non potest quam in pueriles aliquando ac ridendos errores probabantur, qui in ea non sunt versati". - Charles de Witasse, *De locis theologicis domini Caroli Witasse doctoris in Sacra Facultate Parisiensi, socii sorbonici regiique theologiae professoris*, Vindobonae, Typ. Joannis Thomae Trattner, 1763, 182, [14] p.; 8 (20 cm). - "Equidem historiam esse theologo differenti necessariam cum saepe alias, tum maxime in hoc opere animadverti, ubi quantus mihi fuerit historiae humanae usus, qui superiores libros attigerint, ii facile judicabunt" (lib. III, cap. 2). - "Etenim viri omnes docti consentiunt rudes omnino theologos illos esse, in quorum lucubrationibus historia muta est. Mihi quidem non theologi solum, sed nullisatis eruditi videntur, quibus res olim gestae ignotae sunt. Multa enim nobis et thesauris suis historia suppeditat, quibus si careamus, et in theologia et in quacumque ferme alia facultate inopes saepenumero et indocti reperiemur" (lib. III, cap. 2).

⁽³²⁾ Gerbert, *Prolegomena theologiae Christianae*, cap. 3 & 25.

⁽³³⁾ "Quem é o escolástico (diz o douto Gerbert) que traz ou julga que se devem trazer para a teologia outros subsídios além da língua latina e da filosofia? Quem? Há muitos que desprezam e reputam por coisas profanas, sacrílegas e indignas de um teólogo cristão ou supérfluas e inúteis as coisas que não são as suas subtilidades e teias de aranhas" (*De theologia scholastica*, cap. 10).

⁽³⁴⁾ Lamy, *Entretiens sur les sciences* 7.

Escritura e consultar os autores eclesiásticos para neles achar a tradição da Igreja seguindo o princípio de Vicente Lerinense que prescreveu os verdadeiros caracteres da tradição: "Quod ab omnibus, quod ubique, quod semper". O teólogo deve começar pela Escritura e depois discorrer pelos testemunhos da história⁽³⁵⁾. Foi assim que procederam muitos teólogos como o cardeal Perron⁽³⁶⁾.

O sétimo estrago reporta-se a outros estragos. Como se lê no *Compêndio*: "[...] os estatutos vincularam aos doutores antigos, promovendo a sua autoridade em tal forma que do tempo dos mesmos estatutos até o dia de hoje ficaram aqueles doutores dominando nas escolas de Portugal com um império absoluto, e que todo o estudo teológico consistiu em defender as suas opiniões e doutrinas". Não tiveram em atenção os Padres da Igreja, mas ficaram-se pelos teólogos escolásticos que trataram da teologia do tempo do Mestre das Sentenças por diante. E aponta três motivos que o justificaram: alguns deles fossem lidos e explicados nas escolas; que fossem alegados com preferência aos modernos; que os lentes cuidassem quanto fosse possível em fazer defensáveis as suas opiniões e doutrinas e em não confundi-las.

Explicita razões que levaram à decadência da teologia. E passa a falar dos teólogos que eram lidos: Pedro Lombardo, S. Tomás, Escoto,

i³⁵) "Principia fidei nostrae mysteria sparsim in monumentis ecclesiasticis omnium temporum sunt explicata...Sicuti autem ex collatione locorum per totam Scripturam sparsorum, quae ad eandem rem pertinent ac parallela vocantur de dogmate aliquo statui demum potest; ita ex omnium demum ecclesiasticorum monumentorum, uno veluti conspectu, Ecclesiae traditio ac doctrina catholica colligenda est. Nec sufficit unius tantum aevi aut epochae monumenta ecclesiastica pervolvere, per omnes Ecclesiae aetates eundem est. Habent dogmatica christiana profectum quendam (ut ita dicam) aetatis; quae adolescent, magis, magisque explicantur, novamque lucem subinde accipiant, quo magis, ac magis in disquisitionem veniunt; atque in hac quidem studium et opera doctorum Christianorum omnium versatur estque universae theologiae finis, quem spectant semper qui circa rem christianam graviter et religiose occupantur" (Gerbert, *Principia theologiae exegeticae*, sect. I, cap. 7, & 65; Lamy, loco supra e na quarta carta a Eug.).

(36) *in Pirroniana*. -Jacques-Davy Duperron (St. Lô, 25.11.1556-Paris, 5.9.1618), cardeal e teólogo de controvérsias, adversário do galicanismo e do episcopalismo. Escreveu várias obras, coligidas em 3 vols. (Paris, 1620-1622); o vol. 3º intitulado *In Pirroniana* trata de temas teológicos, políticos e literários. Vide Pastor XI-XII; DTC IV, 1953-1960; EC IV, 1994.

Durando e Biel⁽³⁷⁾. O primeiro floresceu no séc. XII quando já a filosofia de Aristóteles tinha implicado a teologia com as suas noções dialécticas e metafísicas. Já tinham surgido Pedro Abelardo e Gilberto Porretano com os seus erros⁽³⁸⁾.

Diz o *Compêndio* que a obra de Pedro Lombardo é digna de sabedoria e do seu zelo. Mas, como não possuía os necessários conhecimentos devido à época em que viveu, veio a cair em muitos defeitos: usou expressões novas e perigosas, pelo que foi censurado pelo papa Alexandre III; depois porque usou expressões curiosas e vãs que a filosofia já tinha introduzido na teologia; terceiro, dispôs as matérias com muita perturbação e desordem. Por isso Melchor Cano diz que se trata mais de um montão de autoridades do que de uma disposição e modo de disciplina⁽³⁹⁾.

Mas como não havia nenhum outro melhor veio a ser adoptado nas escolas apesar das suas limitações⁽⁴⁰⁾. Daí nasceu o desprezo da Sagrada Escritura e se criou uma série de opiniões e disputas. O bispo de Tournay representou ao papa Alexandre III estas grandes desordens

⁽³⁷⁾ Liv. 3, tit. 5. - Gabriel Biel (ca. 1420-1495), filósofo escolástico alemão, formou parte dos Irmãos da Vida Comum de Marienthal. Fundou a universidade de Tübingen onde ensinou teologia e foi um seguidor da filosofia nominalista de Guilherme de Ockam. - Duns Escoto (ca. 1265-1308), filósofo medieval também conhecido por "doctor subtilis" e "doctor marianus". Nasceu em Inglaterra, entrou para a ordem franciscana e ensinou em Cambridge, Oxford e Paris. A sua filosofia combina o aristotelismo de S. Tomás com o augustinianismo. Assim aceitando o papel da inteligência valorizou mais o amor e a vontade. Também deu uma interpretação diferente às questões da Encarnação e do pecado original. Foi adoptado pelos franciscanos e exerceu enorme influência na Idade Média.

⁽³⁸⁾ Du Pin, *Méthode pour étudier la théologie*, cap. 2; Verney, *Apparatus ad philosophiam et theologiam ad usum adolescentium*, p. 2, liv. 1, cap. 8. - Luis Antonio Verney (Lisboa, 1713-Roma, 1792), iluminista português, pedagogo e polemista, além do *Verdadeiro Método de estudar*, escreveu a obra referida, Roma, 1751. Em Roma teve estreitos contactos com Muratori. Sobre Verney como teólogo, vide estudos de J. V de Pina Martins e do autor.

⁽³⁹⁾ Cano, *De locis theologicis*, liv. 12; Denina, *De studio theologiae*, liv. 2, cap. 1, & 4 & 5.

⁽⁴⁰⁾ Verney, *Apparatus ad philosophiam et theologiam*, p. 2, liv. 2, cap. 1; Du Pin, *Méthode pour étudier la théologie*, cap. 2; Bullaeus, *Historia Universitatis Parisiensis*, tomo 3, ad ann. 1208.

e pediu que se procedesse a uma reforma: "estão descabidos entre nós⁽⁴¹⁾ os estudos das letras sagradas pela confusão das escolas. Os discípulos só aplaudem as novidades; e os mestres têm mais cuidado da glória do que da doutrina. A cada passo escrevem sùmulas e comentários sobre a teologia com os quais afagam, ocupam e enganam os seus ouvintes. Disputa-se publicamente a divindade incompreensível de Deus; litiga-se com verbosidades e irreverências a Incarnação do Verbo; a Trindade individua a cada canto se divide e separa; de sorte que já são tantos erros quantos doutores; tantos escândalos quantos auditórios; e tantas blasfêmias quantas as ruas. Tudo isto, Santíssimo Padre, necessita da vossa correcção apostólica para a uniformidade de aprender, de ensinar e de disputar se reduza a certa forma pela vossa autoridade".

Do princípio do séc. XIII por diante estes males foram o ensaio e o prelúdio de outros maiores. A influência de Aristóteles e de Averróis fez-se sentir com maior intensidade⁽⁴²⁾. Alguns teólogos tentaram contrair o estudo teológico a mais breves limites⁽⁴³⁾.

Deixaram aos discípulos a liberdade de escolherem a opinião que entendessem. Tal liberdade fez com que o estudo da teologia se tornasse mais confuso, arbitrário e problemático⁽⁴⁴⁾. Outros formaram novos sistemas compondo sumas de toda a teologia, nas quais continuaram com o mesmo excesso a desprezar as autoridades da Escritura, dos Padres e dos concílios e a unir cada vez mais a filosofia com a teologia.

S. Tomás mereceu os maiores louvores e o *Compêndio* destaca-o com estas palavras: "Este santo doutor cheio de luzes superiores às do seu século conheceu os vícios que infestavam a teologia⁽⁴⁵⁾, procedidos assim da falta do estudo da Escritura e da tradição como do abuso da filosofia aristotélico-arábica; e querendo emendá-los. Além de outras obras, compôs uma suma de toda a teologia, na qual dispôs as matérias com boa ordem e método⁽⁴⁶⁾e mostrou aos escolásticos com a sua doutrina e

⁽⁴¹⁾Apud Natalem Alexandrum, *Historia Ecclesiastica*, tomo 7, cap. 6.

⁽⁴²⁾Verney, loco citato, p. 2, lib. 1, cap. 8.

⁽⁴³⁾Gerbert, in *Praefatium ad principia theologiae exegeticae*.

⁽⁴⁴⁾Gerbert, *De theologia scholastica*, cap. 8, & 9.

⁽⁴⁵⁾D. Thomas, *Prolegom in Primam Partem Summae Theologiae*.

⁽⁴⁶⁾Cano, *De locis theologicis*, lib. 12.

exemplo que a teologia se fundava em princípios revelados; e que a razão e a filosofia só serviam para melhor se ilustrarem os dogmas⁽⁴⁷⁾.

Mas S. Tomás não se absteve do uso da filosofia aristotélica, introduziu muitas questões de dialética, de metafísica e física⁽⁴⁸⁾ não conseguindo desterrar os defeitos dos escolásticos. Procurou-se imitá-lo mais no uso dos princípios filosóficos do que dos revelados⁽⁴⁹⁾.

Depois de S. Tomás autores houve que tentaram impugnar as suas opiniões e doutrinas. Entre eles, distinguiu-se João Duns Escoto no princípio do séc. XIV. Compôs uma suma como fizera S. Tomás, "toda cheia de subtilezas, fundada nos princípios arábico-aristotélicos e diferente em muitos pontos das opiniões e doutrinas de Santo Tomás.

Escoto, que foi professor em Oxford e Paris, depressa se impôs nos meios teológicos, em especial entre os franciscanos que se opunham aos dominicanos⁽⁵⁰⁾. O papa João XXII sintetizou assim o estado a que chegaram as coisas: "Certos teólogos, deixando ou desprezando as doutrinas necessárias, úteis e de edificação, se aplicam às questões curiosas e inúteis e supérfluas de filosofia, do que resulta que se arruina a teologia, ofusca-se o seu esplendor e impede-se a utilidade dos que estudam"⁽⁵¹⁾.

Também Guilherme Ockam e Durando enveredaram por caminhos semelhantes, o primeiro apartando-se do seu mestre Escoto e renovando os nominais, o segundo separando-se de S. Tomás⁽⁵²⁾.

Desse tempo em diante tudo se passou em contestações e disputas entre tomistas e escotistas, e entre reais e nominalistas. Gerson alude à

⁽⁴⁷⁾ D. Thomas R. I, q. 1, na. 7, & 8.

⁽⁴⁸⁾ Opstraet, *Ad philosophiam et theologiam*, p. 2, cap. 1, & 2; Verney, *Apparatus ad philosophiam et theologiam*, p. 2, lib. 1, cap. 3. - Jean Opstraet (Beringhenb. Hasselt, 3.10.1651-Lovaina, 29.11.1720), teólogo jansenista, professor em diversas escolas, foi expulso da Bélgica por causa das suas ideias jansenistas. Roma censurou várias das suas obras. De entre as suas publicações destacam-se *De quaestione facti Janseniani* (Antuérpia, 1708), *Quaestiones de constitutione Unigenitus* (*ibidem*, 1719). Vide DTC XI, 1076.

⁽⁴⁹⁾ Bona venture Argonne Carthusianus, *De optimo legendorum Ecclesiae Patrum methodo*, p. 1, cap. 9; Opstraet, *loco supra*, cap. 3, & 1.

⁽⁵⁰⁾ Denina, *De studio theologico*, lib. 3, cap. cit, &4; Du Pin, *loco supra*.

⁽⁵¹⁾ *Apud* Natalem Alexandrum., *Historia ecclesiastica*, tomo 8, p. 52.

⁽⁵²⁾ Verney, *Apparatus ad philosophiam et theologiam*, p. 2, lib. 1, cap. 8, et lib. 2, cap. 3.

situação que se vivia em Paris, de conflitos e tumultos⁽⁵³⁾. E fala dos vícios e defeitos dos estatutos⁽⁵⁴⁾. Também Nicolau de démanges se refere ao estado de decadência⁽⁵⁵⁾. Escreveu: "Nós vemos que a maior parte dos escolásticos fazem pouco caso de um argumento tirado da autoridade como se ele fosse lânguido e falto de subtileza". Contudo já nesse século começou a raiar a luz da boa teologia, fundada na Escritura e na tradição que depois no séc. XVI apareceu em maior esplendor. Pedro de Ailly, Gerson e démanges deram o exemplo⁽⁵⁶⁾. Também trata de Gabriel Biel e faz um juízo da sua obra.

Pedro Lombardo e S. Tomás escreveram, é certo, de forma mais aceitável, mas tendo vivido num período de grande preponderância da filosofia arábico-aristotélica deixaram-se cair em muitos erros que

(53) *in epistolam ad studentes Collegii Navarrae.*

^m *Lectione in Marcum.*

(55) In tractatu *De instituendo theologiae studio.* - Nikolaus v. démanges (Clamanges, dep. de Châlons-sur-Marne (ca.1360)-Paris1437), humanista e teólogo, estudou no Colégio de Navarra onde teve como mestres Johannes Gerson e Peter d'Ailly. Foi reitor da Universidade de Paris e trabalhou bastante pelo termo do cisma do Ocidente. Algumas das suas obras: *De ruina et reparacione ecclesiae* (*De corrupto Ecclesiae statu*); *Disputatio de concilio generali* (Viena, 1482); *De studio theologico.* Os seus *Opera omnia* (incompleto) foi editado em Leiden por J.-M. Lydius (Leiden 1613).

(56) Du Pin, loco citato. - Peter d'Ailly (Compiègne, 1352-Avinhão, 9.8.1420), teólogo francês, cardeal. Desempenhou diversos cargos, manifestou-se a favor do papa Bento XIII. No concílio de Constança apoiou Gersos. Entre os seus livros contam-se *De ecclesiae, concilii generalis et summi Pontificis auctoritate*, *Tractatus vel capita agendorum in concilio generali de reformatione Ecclesiae*; *Tractatus et sermones, De ecclesia, concilii generalis et summi Pontificis auctoritate.* Vide DTC I, 642-654. -Johannes Charlier Gerson (Gersonb. Rethel, diocese de Reims, 14.121363-Lião, 12.7.1429), notável teólogo e político eclesiástico, estudou no Colégio de Navarra onde teve como mestre Peter d'Ailly. Exerceu diversos cargos e lutou pela conclusão do cisma do Ocidente. Defendeu o conciliarismo, manifestou-se contra Wyclif e Hus e enveredou pelo nominalismo.Os seus planos para a reforma dos estudos universitários encontram-se em *Epistolae de reform, theol.* (i. 121), *Epistolae ad studentes Coligii Navarrae, quid et qualiter studere debeat novus ideologiae auditor; et contra curiositatem studentium* (i. 106), *Lectiones duae contra vanam curiositatem in negotio fidei* (i. 86) e *De mystica theologia, speculativa et practica.* Outras das suas obras: *De modo se habendi tempore schismatis*, *De auferibilitate papae ecclesia*, *De consolatione theologiae*; *Opera omnia*, ed. de Du Pin, 5 vols., Antuérpia, 1706. Vide DTC VI, 1313-1330, *Catholicisme*, vol. IV, p. 1895 ss.

os teólogos deviam ter corrigido. Quanto a Escoto, Durando e Biel, não deviam pura e simplesmente ser lidos e interpretados ãas aulas.

A terminar o *Compêndio* refere-se a três teólogos que rejeitaram os tomistas e escotistas e deviam servir de exemplo no ensino da teologia: Melchor Cano, Luís de Carvajal e Alfonso de Castro⁽⁵⁷⁾. Acerca de Cano escreve: "Melchor Cano, condenando o vício daqueles que reputavam as coisas incertas por certas, diz que os tomistas e escotistas cometiam esta falta gravíssima por abraçarem e defenderem as opiniões de Santo Tomás e Escoto sem as discutirem⁽⁵⁸⁾. O mesmo sábio teólogo diz em outro lugar que é miserável a doutrina que se defende só com a autoridade do magistério".

Quanto a Carvajal diz: "Luís de Carvajal, da ordem de S. Francisco e famoso teólogo, diz que não aprova aqueles que por todos os modos defendem as Sentenças dos seus doutores, porque nisto se opõem diametralmente ao Evangelho o qual nos manda imitar não os *Nominalistas* e *Realistas* mas a Cristo". Palavras de Carvajal: "Pelo que me pertence eu hei-de abraçar a verdade onde a achar e nem sofrerei que alguém me chame escotista jurado ou me ponha outro nome. Eu jurei só as palavras de Cristo debaixo do grémio da Igreja e desprezo os mais nomes"⁽⁵⁹⁾. Uma frase que lembra o humanismo cristão de Erasmo e outros intelectuais do séc. XVI.

⁽⁵⁷⁾Luís Carvajal (fódar, ca.1500-August,1552), franciscano da observância, estudou em Salamanca, Alcalá e Paris. Participou no concílio de Trento e foi provincial da sua ordem. Escreveu: *Apologia monasticae religionis diluens nugae Erasmi*, Salamanca-Paris, 1528; *Dulcoratio amarulentiarum Esrasmicae responsionis à Apologiam fratris L. C.*, Paris, 1530; *Declamatio expostulat or ia pro Immaculata Conceptione*, Sevilha, 1533, Paris, 1541; *De restituta theologia liber unus*, Colonia, 1545, Antuérpia, 1548; *Oratio habita in concilio tridentino*, Antuérpia, 1548. Vide M. Bataillon, *Érasme et l'Espagne*, Paris, 1937; V. Beltrán de Heredia, "Erasmo y España", *Ciencia Tomista*, vol. 57,1938, pp. 544-582. - Alfonso de Castro (Zamora, 1495-3.2.1558), franciscano e teólogo insigne, participou no concílio de Trento. A sua obra principal é *Adversus omnes haereses libri 14* que chegou a ter 24 ed. Outro livro importante é o *De potestate legis poenalis* que foi uma das fontes de Grotius.

^m*De locis theologicis*, lib. 9, cap. 1.

⁽⁵⁹⁾*De restituta theologia et sophistica, et barbaria pro virili repurgata. Specimen in epistola ad Carolum V.*

Acerca de Afonso de Castro diz: "Afonso de Castro, sábio teólogo da mesma ordem e século, teve iguais sentimentos: "Muito me desagradava que a nossa ordem pareça quase toda jurar in verba Scoti: ser adicto ao parecer dos homens, de sorte que se não possa repugnar, eu o tenho por uma miserabilíssima servidão. Tal é a que sofrem aqueles que se sujeitam somente às opiniões e pareceres de S. Tomás, de Escoto e de Ockam. S. Paulo nos manda cativar o entendimento em obséquio de Cristo e não dos homens"⁽⁶⁰⁾.

A concluir a sua análise do estudo da teologia faz uma síntese e cita o papa Clemente XIV: "só destas duas fontes da sabedoria divina (Escritura e tradição) é que devemos tirar as regras da fé e dos costumes. Nelas é que aprendemos a profundidade dos mistérios, os ofícios da piedade, da probidade, da justiça e da humanidade, e o que devemos a Deus, à Igreja, à Pátria, aos cidadãos e aos mais homens".

Conclusão

O *Compêndio Histórico* que tenta apresentar as deficiências do ensino na Universidade, no caso concreto da teologia, apesar de bastante objectivo nalguns aspectos, revela-se bastante tendencioso nas críticas feitas aos padres da Companhia de Jesus, considerados os culpados do atraso quando é certo que nenhum reitor nem professor foi jesuíta. A crise por que passava a docência da teologia reflectiu-se igualmente noutras universidades. Por outro lado, serviu-se de muitos autores jansenistas e galicanos para justificar os seus pontos de vista, mas omitiu outros mais que se impuseram como grandes escritores e que mereciam ser referidos. Basta pensar em Richard Simon e em Muratori. E não teve em consideração os diversos movimentos teológicos e filosóficos surgidos por esse tempo, casos do jansenismo, do galicanismo, do deísmo, do molinismo, do laxismo, do rigorismo, do probabilismo, do tuciorismo e do equiprobabilismo. Acrescente-se ainda que depois os Estatutos de 1772 e outra documentação universitária não mencionam os melhores teólogos do tempo à excepção de Martin Gerbert. A história da teologia na universidade de Coimbra no séc. XIX é de grande decadência.

^m *Contra haereses*, lib. 1, cap. 7, L. e.

Atendendo ao contexto histórico, apresentamos a terminar algumas notas sobre os autores que hoje são considerados como expoentes reputados do florescimento das ciências eclesiásticas que tanto se desenvolveu na época pós-tridentina graças ao ideal humanístico e da escolástica renovada e que aqui não vamos referir. Esse florescimento durou ainda bastante tempo no período que vai da paz de Vestefália até à revolução francesa, especialmente na França e Itália, menos na Alemanha. Depois com o difundir-se das ideias iluministas verificou-se uma acentuada decadência.

Na crítica bíblica e na exegese distinguiu-se naquele período o oratoriano Richard Simon cuja omissão no *Compêndio Histórico* é muito de estranhar e o beneditino Agostinho Calmet⁽⁶¹⁾; na apologética e na polémica sobretudo o oratoriano Louis de Thomassin e o célebre bispo de Meaux, Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704), um dos vultos maiores no campo da teologia do seu tempo, conhecido como defensor do catolicismo contra os protestantes, homem de ação na área político-eclesiástica, futor das ideias unionistas e insigne orador⁽⁶²⁾. A Bossuet podemos juntar os nomes de Pietro Daniele Huet, bispo de Avranches, grande historiador e forte adversário do iluminismo, o cardeal Vincenzo Ludovico Gotti e Sigismondo Gerdil.

Na dogmática salientaram-se Honorato de Tournely, o dominicano Carlo Renato Billuart e Benedetto Stattler, Pascal, Sivestro Mauro e o franciscano conventual, depois cardeal, Branacci da Lauria.

(61) Richard Simon (Dieppe, Normandia, 13.5.1638-11.4.1712), pertenceu ao Oratório durante algum tempo, dedicou-se bastante ao estudo da patrologia, das liturgias orientais, do judaísmo e do direito eclesiástico. É considerado o pai da crítica bíblica. Algumas das suas obras: *Histoire critique du Vieux Testament*, Paris, 1678, e Roterdão, 1685; *Histoire critique du texte du Nouveau Testament*, Roterdão, 1689; *Histoire critique des versions du Nouveau Testament*, *ibidem*, 1690; *Histoire critique des principaux commentateurs du Nouveau Testament*, *ibidem*, 1693. - Augustin Calmet (Ménil-la-Horgne, Meuse, 26.2.1672-Senones, 25.10.1757), beneditino, exerceu vários cargos na sua ordem e escreveu: *La Bible en latin et en français*, 23 vols., Paris, 1707-1716; *Dictionnaire historique de la Bible*, Paris, 1719; *Histoire universelle* (até 1720), 17 vols., Estrasburgo, 1735-1737.

(62) Jacques-Bénigne Bossuet (Dijon, 27.9.1627-Paris, 12.4.1704) notabilizou-se como pregador, político da Igreja e teólogo no tempo de Luís XIV. As suas obras completas foram editadas por F. Lâchât em 31 vols., Paris, 1682-1866.

Na teologia moral, surgiram vários sistemas representados por Zaccaria Pasqualigo, António de Escobar e Mendonça, Hermano Busenbaum, Tommaso Tamburini, Cláudio Lacroix, Daniele Concina, Vincenzo Patuzzi, Santo Afonso Maria de Liguori e Eusébio Amort.

Também o direito canónico conheceu alguns escritores de reconhecido mérito: Prospero Fagnani, Anacleto Reiffenstuel, Francisco Xavier Schmalzgrueber, Van Espen e o já referido Louis de Thomassin e Próspero Lambertini, depois papa Bento XIV

A oratória sagrada teve os seus maiores expoentes em Bossuet, Fénelon, Fléchier, Massillon, Abraham de Santa Clara, Martin von Cochem, Leonardo Goffine, Paolo Segneri, Carlo Ambrogio Cattaneo, Marco d'Aviano e S. Leonardo da Porto Maurizio.

Mas o campo cultivado com zelo particular e excelentes resultados no séc. XVII foi a teologia histórica graças à congregação beneditina de S. Mauro que tinha o seu centro principal na abadia de S. Germain-des-Près perto de Paris. Foi D. Luca d'Archéry que a partir de 1648 deu início aos estudos e à actividade científica. Os maurinos são os verdadeiros fundadores das principais ciências históricas auxiliares para o estudo das fontes, como a paleografia, a diplomática e a cronologia. Fixaram os princípios do método e da crítica histórica, cuidaram em edições exemplares a publicação de muitos Padres da Igreja e de vastas recolhas de fontes preparando assim um imenso material para o estudo da história eclesiástica, profana e literária.

Entre os mais importantes contam-se Mabillon, o fundador da diplomática moderna, Teodorico Ruinart, Pedro Coustant, Bernardo de Montfaucon e Pedro Sabatier.

Em França, dedicaram-se igualmente ao estudo de história eclesiástica Sebastião Lenain Tillemont, Cláudio Fleury, Natal Alexandre, e o agostinho Henrique Flórez e companheiros, que iniciaram a obra *España sagrada* (depois continuada chegando aos 54 volumes).

Como editores de colecções de actas conciliares e de outras fontes histórico-eclesiásticas ou ainda como estudiosos da antiguidade, patrólogos e críticos salientaram-se os jesuítas Jean Hardouin e Filipe Labbé, Domenico Mansi, arcebispo de Lucca, Lucas Holste, Du Cange, os três irmãos Assemani, excelentes sirólogos e liturgistas e, finalmente, os continuadores dos *Acta sanctorum* de Bolland.

Ludovico António Muratori, bibliotecário de Modena e discípulo dos maurinos, revelou-se um erudito enciclopedista, incansável investigador

e editor de fontes, historiador corajoso e cristão⁽⁶³⁾. Também o dominicano cardeal José Agostinho Orsi, o cisterciense Fernando Ughelli, Angelo Maria Querini, bispo de Brescia e prefeito da biblioteca Vaticana, o estudioso Cipião Maffei, os oratorianos Alex Pelliccia e André Gallandi se impuseram neste domínio.

Na Alemanha, Atanásio Kircher, grande investigador, matemático, naturalista e orientalista, deixou uma obra notável⁽⁶⁴⁾. Igualmente nalgumas abadias se fez sentir a influência maurina como na de Santo Emmeran em Ratisbona com o seu abade Frobénio Forster e na de S. Blasien na Floresta Negra com Martin Gerbert de quem já se falou anteriormente.

Na Áustria, no tempo de Maria Teresa, na universidade de beneditina de Salzburgo e noutras universidades deu-se grande relevância aos estudos da Sagrada Escritura e das matérias históricas.

Toda a argumentação do *Compêndio Histórico* fundamenta-se na antinomia radical entre teologia aristotélica-arábica e teologia histórica. Apesar de tudo, os aspectos positivos evidenciados no livro bem mereciam ser tidos em consideração quanto à Universidade de Coimbra que em finais do séc. XVIII e durante o séc. XIX até 1911 entrou numa decadência profunda, aliás como sucedeu noutras universidades estrangeiras.

⁽⁶³⁾ Luís António Muratori (Vignola, 21.10.1672-Modena, 23.1.1750), director da Ambrosiana e bibliotecário da Este em Modena, escreveu: *Delle antichità estensi*, 2 vols., Modena, 1717-1740; *Rerum Halicarum scriptores*, 28 vols., Milão, 1723-1751; *Antiquitates italicæ medii ævi*, 6 vols., Milão, 1738-1743; *Annali d'Italia dal principio delVera volgare sino ali'anno 1749*, 12 vols., Milão, 1744-1749.

⁽⁶⁴⁾ Atanásio Kircher (Geisa, Fulda, 2.5.1601-Roma, 27 11.1680), padre jesuíta, leccionou em Würzburg e Roma. Foi um dos fundadores da sinologia. Manteve correspondência com diversas figuras cultas do seu tempo, como Leibnitz. Deixou uma vasta e importante obra (*vide* EC VII, pp. 702 ss.).